Maimuna Adam: viagem, deslocamento e memória como metáforas da identidade

Maimuna Adam: travel, displacement and memory as metaphors of Identity

TERESA MATOS PEREIRA*

Artigo completo submetido a 4 de setembro e aprovado a 23 de setembro de 2015.

*Portugal, Artista Plástica. Licenciatura em Artes Plásticas / Pintura, Mestrado em Teorias da Arte, Doutoramento em Belas Artes / Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Professora no Instituto Politécnico de Lisboa (IPL), Escola Superior de Educação (ESELx).

AFILIAÇÃO: Investigadora, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: teresamatospereira@yahoo.com

Pereira, Teresa Matos (2015) "Maimuna Adam: viagem, deslocamento e memória como metáforas da identidade." *Revista Estúdio: Artistas sobre outras Obras*, 6 (12) 99-111.

Resumo: O presente artigo aborda a obra da artista visual moçambicana Maimuna Adam considerando a reflexão crítica e estética em torno das questões que envolvem a construção das identidades. A artista propõe, através da sua obra, um cruzamento entre referências autobiográficas, históricas e memórias (resultantes de vivências diretas ou mediadas por histórias de família).

Palavras-chave: Identidade-rizoma / Memória / Moçambique / Deslocamento.

Abstract: *This article discusses the work of the Mozambican visual artist Maimuna Adam considering the aesthetic and critical reflection on issues involving the construction of identities. The artist proposes, through her artwork, a cross between historical, autobiographical references and memories (resulting from direct experiences or mediated by family stories).*

Keywords: *Rhizome-identity / Memory / Mozambique / Displacement.*

Maimuna Adam (n. Maputo, 1984) licenciou-se em Belas Artes na Universidade de Pretoria, Africa do Sul em 2008. Com raízes familiares diversas, (filha de pai indiano e mãe norueguesa) a sua trajetória de vida passou ainda por Gotemburgo, Maputo, Mbabane e Pretória. O seu percurso artístico integra a participação em inúmeras exposições e residências quer em *África (com destaque para* Moçambique, S. Tomé e Príncipe ou África do Sul quer na Europa com passagens por Portugal, Alemanha Bélgica ou Holanda).

A estes trânsitos que perfazem os trilhos de uma internacionalização do trabalho artístico, somam-se outros que integram as vivências pessoais da artista — aos quais não será alheia a dispersão dos membros do núcleo familiar, repartidos por três continentes em países como o Chile, Moçambique, Noruega ou Suécia. Estes últimos irão marcar indelevelmente a reflexão estética e artística onde se entrelaçam os múltiplos centros de significados que compõem a identidade de Maimuna Adam — identidade cultural, identidade de género, identidade nacional, etc.

Na verdade, os cambiantes de que se compõem as identidades, quer pessoais quer artísticas, não poderão ser encarados como entidades homogéneas e autocentradas mas antes entidades heterogéneas, poliglotas e fluídas que a artista assume enquanto matérias de reflexão estética e exploração artística, intercalando relatos factuais de histórias familiares com narrativas imaginárias.

1. A Identidade nos seus Múltiplos

As construções identitárias entendidas como processos de mediação entre o domínio pessoal e o domínio público, projetam-se como entidades relacionais e estabelecem uma correspondência de reciprocidade, constantemente nutrida através de mecanismos de identificação. Neste sentido, a problemática em torno da identidade não poderá ser encarada separadamente de um conjunto de questões de natureza histórica, cultural, sociológica ou psicossocial, que interligam espaço, tempo e subjetividades partilhadas.

Compreendidas enquanto estruturas historicamente determinadas, as construções identitárias remetem-nos, na atualidade, para a crescente multiplicidade de referências suscetíveis de se estruturarem como oportunidades de identificação num momento histórico onde a mudança é rápida e constantemente alimentada por fluxos de pessoas e de informação.

A ideia de uma identidade (nacional) fixa, imutável e de contornos bem definidos colide de frente com uma realidade que, cada vez mais, aponta para uma difusão de identidades possíveis, multiplicadas pela dispersão de pessoas em redor do globo. As identidades estão assim sujeitas a um duplo mecanismo de

"translação" espácio-temporal, simultaneamente, territorial e cultural (Hall, 1992: 310).

Esta "translação" será tanto mais evidente quando resultante de uma deslocação física em termos geográficos e culturais, de que as migrações são um exemplo mais conhecido. A deslocação de grandes contingentes populacionais, resultantes de processos de descolonização, de fuga a conflitos armados ou precariedade económica e social favorecerem a criação de diásporas e um previsível contacto de diferentes culturas que viriam a afetar irremediavelmente tanto a construção de identidades por parte dos que se deslocam como daqueles que residem nas sociedades para onde confluem os fluxos migratórios.

A transitoriedade, a ubiquidade e a volatilidade possibilitadas pela tecnologia ou os trânsitos e as vivências diaspóricas, têm assim assumido um papel cada vez mais presente nas texturas da criação artística e literária.

A conceção de uma identidade como essência de um sujeito unificado cai perante a experiência das transmutações operadas pelas sociedades modernas que propõem um descentramento (espacial, temporal e identitário) e uma deslocalização que se refletem na fragmentação do sujeito e a emergência de um ser-múltiplo. Este descentramento implica uma pluralidade de centros de significado gerando uma tensão entre o *Mesmo* e o *Diverso* nos sentidos que são atribuídos a estes termos por Edouard Glissant (1990). Para este autor o conceito de *Mesmo* remete para uma aceção da identidade enquanto entidade autocentrada e homogénea, que nega uma existência à diferença (através de mecanismos de anulação, rasura e assimilação) enquanto o conceito de *Diverso* preconiza a aceitação da diferença e de um relacionamento marcado pela reciprocidade e intersubjetividade.

O *Mesmo* entronca numa visão de identidade entendida enquanto *raiz única,* por oposição a uma *identidade-rizoma* onde se inscreve o conceito de *Diverso*. Glissant irá, de resto, apropriar-se da distinção proposta por Gilles Deleuze e Felix Guattari (*Capitalisme et Schizophrénie*) entre *raiz* e *rizoma*. Para o autor, a *identidade-raíz* é excludente: rejeita o outro e elimina tudo à sua volta; já a *identidade-rizoma* é uma identidade-relação que se abre ao outro sem se diluir totalmente e cuja configuração absoluta é substituída pelas dinâmicas e processos de relacionamento que lhe estão na origem. No fundo as múltiplas formas como cada raiz se relaciona com as demais no fluxo que gera o rizoma. Tal como Glissant, outros autores como Stuart Hall (2000) consideram a identidade enquanto entidade relacional em constante mudança e não enquanto entidade absoluta, construindo-se enquanto relação fluida, heterogénea, poliglota e em-processo.

Figura 1 · Maimuna Adam, "O Vestido Viajante / The Traveling dress series" 2008.

Figura 2 · Maimuna Adam, "O Vestido Viajante / The Traveling dress series" 2008.

Esta ideia de fluxo é igualmente um elemento chave na discussão em torno das identidades contemporâneas já que, no contexto de sociedades globalizadas, o espaço e o lugar não coincidem, sendo gradualmente substituídos pela ideia de movimento-tempo. Na verdade, as formações identitárias estão implicadas na ideia de um lugar a partir do qual é emitida uma voz. Contudo esta conceção é complexificada pela dissociação entre espaço e lugar e a supressão parcial do primeiro através do tempo. Enquanto os lugares são pontos de "enraizamento" o espaço pode ser atravessado rapidamente com recurso a tecnologias digitais que superlativam a importância do tempo.

Estes processos estão atualmente muito presentes numa reflexão em torno do sentido de pertença e não-pertença — resultante do cruzamento de *rotas* e *raízes* — e as modalidades que assumem ao incorporar a criação artística. Neste caso a arte incorpora decisivamente o *rasto* e o *vestígio* (Glissant, 1990) como modalidades poéticas, estéticas e visuais capazes de produzir uma cartografia da mudança, da troca, da imprevisibilidade e originalidade dos seus produtos finais.

Uma poética da viagem

> *Venho de uma família de viajantes — viajantes por terra, por mar, pela alma ou mesmo viajantes através de livros e outros objectos* (Adam: 2013).

A viagem e o deslocamento (físicos, metafísicos, psicológicos ou imaginários) voluntários ou forçados surgem na obra da artista como metáforas que recobrem a exploração e problematização da identidade enquanto processo, sujeita por isso a múltiplas e constantes fluxos, transições, indeterminações e transmutações.

Maimuna Adam atribui à *poética da viagem* numa dimensão simultaneamente autobiográfica, estética e ontológica. A viagem preconiza a saída do lugar (voluntária ou forçada), a deslocação espacial, a relação entre o conhecido-desconhecido e o encontro com o outro, possibilitando ao viajante a descoberta de si no/do *Diverso* (na aceção de Glissant).

O "O Vestido Viajante / The Traveling dress series" (2008) (Figura 1 e Figura 2) consiste numa série fotográfica onde o objeto-vestido é protagonista simbólico da viagem, da migração (espacial e existencial) e das transfigurações que daí advêm. A pele do vestido surge como metáfora do ser-em-trânsito, que alia a deslocação espacial e as múltiplas configurações que integram a construção da identidade — também ela considerada uma entidade fluída. Como afirma a artista a propósito desta série:

Revista Estúdio: Artistas sobre outras Obras, 6 (12) 99-111.

Figura 3 · Maimuna Adam, *Lar/Home*, vídeo, 4:18 min. 2010.
Figura 4 · Maimuna Adam, *Lar/Home*, vídeo, 4:18 min. 2010.

O trabalho representado aqui é o resultado de uma pesquisa feita em volta de eventos pessoais e históricos relacionados com o conceito de viagem e o deslocamento, voluntário ou forçado, físico ou psíquico, do individuo e/ou do objecto (Adam, 2011).

A opção pela fixação dos processos de construção/intervenção plástica sobre o vestido, através da fotografia vem igualmente integrar uma outra camada de significado à obra já que remete precisamente para uma problematização das ligações entre deslocamento/migração e memória/identidade através da mobilização da fotografia enquanto dispositivo simultaneamente mnemónico, testemunhal e de encenação.

A dimensão autobiográfica que recobre a reflexão em torno da construção da identidade adensa-se em projetos como "O Lar" (2010), "Partir" (2010), "Virar as costas" (2011) ou "Fazer as malas / Pack your bags" (2011).

No vídeo "Lar/Home" (2010) (Figura 3 e Figura 4) duas janelas cobertas por uma cortina translúcida surgem visualmente como um plano fixo e surgem antes de mais como metáfora de uma fronteira entre o espaço interior e o exterior, entre o espaço doméstico e o espaço público. A passagem do tempo e a presença humana pressente-se através de subtis movimentos da janela da esquerda (inicialmente aberta) da cortina e das silhuetas das palmeiras que se vislumbram para lá da janela ou de sombras humanas no interior do espaço. A obra joga com diversas camadas de sentido como a relação entre o espaço da casa a noção de lar (nem sempre coincidentes), entre espaço-tempo físico e espaço-tempo emocionais que integram de forma indelével a construção da identidade de cada individuo a um nível primordial. O desenho de uma árvore que desponta de uma mala de viagem (Figura 4) adensa a relação simbólica entre o espaço-lar e a criação de uma raiz a partir da qual se desenvolverá o sujeito (aqui evocado pela árvore que estende as suas múltiplas ramificações para finalmente desaparecer, desprender-se da proteção das cortinas e do espaço doméstico).

Por outro lado propõe igualmente uma reflexão em torno do espaço doméstico e do espaço público, onde a "condição feminina" projeta uma sombra sobre a importância da significação cultural do espaço na construção das identidades de género (de resto esta ligação já havia sido sugerida num vídeo anterior, de 2009, intitulado *A Cortina / The Curtain*, onde a silhueta de uma máquina de costura remete simbolicamente para um universo feminino).

Na obra "Fazer as malas / Pack yor bags" (Figura 5, Figura 6 e Figura 7) um vídeo de 2011, Maimuna Adam encena o ato de organizar a partida. Aqui impõe-se a seleção dos objetos — memória a transportar ao longo da viagem. O objeto assume aqui um duplo sentido se nos lembrarmos das afirmações da artista

Figura 5 · Maimuna Adam, *Fazer as malas/ Pack yor bags*. Vídeo, 2011.
Figura 6 · Maimuna Adam, *Fazer as malas/ Pack yor bags*. Vídeo, 2011.

anteriormente transcritas: ele incarna simultaneamente a ideia de raiz e de veículo. Por um lado, trata-se de um elo de ligação ao lugar da partida (o vestido, a estatueta, as fotos de família, ...), a herança e vestígio dessa permanência, e por outro, propõe o ato de viajar através das memórias evocadas ou delinear uma viagem imaginária (os livros, por exemplo.)

Através destes projetos são exploradas as ligações intricadas que se estabelecem entre a casa e o lar, a partida e o retorno, desfiando a teia que constroem entre o individuo, o espaço, o lugar, os objetos e o tempo (considerados quer em termos físicos como simbólicos e emocionais) como termos de uma construção de identidades em constante processo. Aqui à evocação da identidade interpõem-se os trânsitos, as deslocações/descentramentos, as perdas, as partilhas mas também a incorporação de múltiplas mundividências e memórias (diretas e indiretas).

Encruzilhadas

A par de meios audiovisuais marcados pela imaterialidade Maimuna Adam recorre frequentemente ao desenho (considerando-o na sua universalidade comunicativa) como meio de auto representação, reflexão em torno das questões da pertença e não pertença, bem como das relações entre autobiografia e memória histórica e social. Neste sentido destaca-se a série *História de Família/ Family History* (2011) composta por 11 desenhos realizados a carvão, aguarela e café ou "*(M)atrimónio*" (2011) uma instalação composta por um vestido num tecido anteriormente utilizado nos uniformes coloniais colocado sobre um tacho metálico com café (que vai gradualmente tingindo o tecido , capulana, um livro de artista e desenhos cujo suporte é papel de fibra de bananeira (Figura 8).

Em *(M)atrimónio* a utilização de objetos carregados de simbolismo estende-se ao uso das matérias plásticas que integram o processo criativo: o tecido e o café que estabelecem uma ligação entre passado histórico e presente, o vestido (novamente) a remeter-nos para o universo/papel atribuído à mulher (aqui sinalizado pelo rito de passagem do matrimónio), a capulana como evocação de uma identidade cultural/nacional.

Esta hibridação de meios e linguagens — que pontua o recurso ao desenho como expressão primordial à presença escultórica do vestido — patenteia-se como um recurso simultaneamente criativo e discursivo capaz de refletir criticamente acerca da complexidade que envolve a construção de uma identidade individual, considerada como encruzilhada onde se entrelaçam as identidades culturais/nacionais, heranças familiares/históricas, experiências vivenciais, deslocações/migrações, problematizando as tensões entre as *Raízes* e as *Rotas*, entre o *Mesmo* e o *Diverso*, entre o *Ser* e os seus *Múltiplos*.

Revista Estúdio: Artistas sobre outras Obras, 6 (12) 99-111.

Figura 7 · Maimuna Adam, *Fazer as malas/ Pack yor bags*. Vídeo, 2011.
Figura 8 · Maimuna Adam, *(M)atrimónio*, Instalação, 2011.

A reflexão em torno da identidade como motor criativo é assim enunciada pela artista a propósito da instalação (M*)atrimónio:*

> *Através do uso do café, padrões tirados da* capulana *e elementos visuais extraídos da cidade de Maputo, exploro a noção de uma identidade que pode ser definida como sendo menos que "ambos/e" e mais como "não só isto/nem só aquilo"* (Adam, 2011)

Do mesmo ano o vídeo "Entrelaçado / Entwined" (2011) (Figura 9 e Figura 10) retoma esta reflexão em torno das ligações entre a formulação de uma identidade nacional (que se autorretrata como hegemónica) e a identidade individual (marcada pela diversidade).

O vídeo mostra uma figura que primeiro entrelaça e posteriormente desfaz uma trança de cabelo. A carga semântica das imagens não se esgota no ato representado mas sedimenta-se em diversas camadas de sentido onde o ato de entrelaçar sintetiza a fusão de elementos (por vezes antagónicos) num corpo único (a trança).

Neste sentido, surge como metáfora de todos os processos de entrelaçamento e desmembramento de que se compõem as identidades (quer coletivas/nacionais, quer individuais), remetendo de uma forma ainda que difusa para alguns trabalhos ainda do período de formação com destaque para a instalação "100% Moçambicana" de 2007.

A estas referências vem juntar-se a evocação de uma identidade de género, que atravessa transversalmente a obra de Maimuna Adam. A trança (e o ato de a fazer e desfazer) reproduz uma rotina quotidiana associada a um universo feminino (e que no caso da artista recorda as raízes culturais/familiares indianas) que assume uma duplicidade de sentido: as heranças e memórias culturais e/ou familiares, a memória, mas também o condicionamento da identidade individual pelos discursos e formulações identitárias de natureza coletiva (provindo de identidades culturais, nacionais, globais).

Nota final

A dimensão existencial da migração, da viagem é explorada por Maimuna Adam sob a forma de uma reflexão simultaneamente visual, plástica, estética *e poética* onde a deslocação (seja ela física ou imaginária) integra a configuração de uma identidade que a artista entende como fluida e num processo contínuo de construção.

Aqui as histórias e as memórias familiares intersetam-se com as vivências individuais em sociedade (consideradas nos seus trânsitos emocionais e físicos)

às quais não são alheios os discursos em torno das identidades culturais, nacionais, de género bem como os impactos da globalização nestes domínios.

A poética da viagem serve de metáfora para uma identidade multissituada (uma forma de existir entre dois espaços de tempo) que se vai desfiando ao logo dos vários projetos artísticos. Aos *vestígios* do legado cultural, herdado das ligações familiares (evocados em projetos como "História de Família / Family History" ou "Fazer as malas / Pack your bags") e do lugar a partir do qual o artista faz ouvir a sua voz, vêm associar-se os *rastos* do caminho trilhado ao longo do percurso vivencial de que a instalação "(M)atrimónio" e vídeo "Entrelaçado / Entwined" fazem uma síntese simultaneamente autobiográfica e investigativa. O vestido, o espaço doméstico, o registo e encenação dos caminhos percorridos, a mala de viagem ou a autorrepresentação surgem como objetos e dispositivos simultaneamente simbólicos e discursivos que transportam o observador para a diversidade temporal e de significado(s) que entretecem as texturas de uma identidade-rizomática que interliga e funde as heranças e os trânsitos.

Referências

Adam, Maimuna (2011). *Sobre o Lar (e outras coisas imaginadas)*. [Consult. em 2015-06-23] , disponível em https://maimunaadam.wordpress.com/artists-statement-2/

Adam, Maimuna (2013) *Bon Voyage*. [Consult.2015-08-02] disponível em : https://maimunaadam.files.wordpress.com/2013/08/maimunaadambonvoyage2013_pt.pdf

Costa, Alda (2013)"Comunicando entre vários mundos" *Maimuna Adam. Bon Voyage* (Exposição individual) [Consult.2015-08-02] disponível em : https://maimunaadam.files.wordpress.com/2013/08/maimunaadambonvoyage2013_pt.pdf

Crenn, Julie (2015) *Odysées Africaines* [Consult.2015-08-02], disponível em https://crennjulie.files.wordpress.com/2015/05/2.jpg

Dias, Jorge (2010) "A Ideia do Local", *O País*. 4 de setembro , p.7 [Consultado em 2015-06-25], disponível em https://maimunaadam.files.wordpress.com/2010/09/opais0409muvartexpo2010p7.jpg

Glissant Édouard (1981) *Le discours antillais*. Paris: Seuil.

Glissant Édouard (1990) *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard.

Glissant Édouard (2005) Introdução a uma Poética da Diversidade. Juiz de Fora: UFJF.

Hall, Stuart & Gieben, Bram (Ed.) (1992) *Formations of Modernity*. Cambridge: Polity Press.

Hall, Stuart; Held, David; Hubert, Don; Thompson, Keneth (2000) *Modernity: An Introduction to Modern Societies*. Oxford: Blackwell.